

CLEIA DRÖSE

*Doze contos  
de sóis e luas*

*Porto Alegre  
Pragmatha  
2019*

Editora Pragmatha  
www.pragmatha.com.br

Edição: Sandra Veroneze  
Ficha bibliográfica: Carla Moraes  
Capa: Leonardo Oliveira  
Editoração: Pragmatha  
Copyright: Da Autora  
Ilustradores: Noé Cezar da Silva, Nathana Bubolz, Rafael da Rosa Schaun, Mayara Moraes, Vitória Mallmann e Stéphaney Rutz Martins

D787d Dröse, Cleia.  
Doze contos de sóis e luas / Cleia Dröse; [ilustrações de Noé Cezar da Silva ... [et al.] ]. -- Porto Alegre: Pragmatha, 2019.

100 p.: il. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-8434-079-8

1.Contos brasileiros. 2.Prosa brasileira. 3.Literatura brasileira – Rio Grande do Sul. I.Título.

CDU 869.0(81)-34  
869.0(816.5)-34

CDD (23. ed.)  
B869.3

Catálogo na publicação:  
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

## Sumário

Prefácio / 09
Que o sol o ilumine / 11
Plenitude / 17
Um raio de sol através dos vitrais azuis / 23
Escuro abismo / 31
Manhã ensolarada / 39
Mãos sob o luar / 47
Copacabana ensolarada / 55
Picos nevados sob tímidos raios de sol / 61
Entre a luz e a escuridão / 69
Tesouros no fundo do baú / 77
Sol interior / 83
Um jardim banhado de sol / 91



*Dedico esta obra à memória de  
Cíntia Catarina D'Ávila.  
Ah, o tempo...  
apaga rastros na areia  
e solidifica as pegadas no coração.*

Quando uma pessoa que amamos nos deixa tão de repente, é como se o sol abandonasse o dia em pleno zênite. Ainda sentimos na pele seu calor, mas sabemos que não haverá outro amanhecer. De vez em quando, o brilho de uma lua cheia nos traz o reflexo de sua luz, como a lembrar-nos de que, mesmo que não o possamos ver, em algum lugar, o sol continua existindo e que, em nome deste afeto, precisamos prosseguir, ainda que a saudade pese na bagagem.



## Prefácio

Ao ler *Doze Contos de Sóis e Luas*, não tenha pressa. Não se trata de obra a ser devorada. Evite que o texto tome você de assalto, tire você da razão e do controle, deixando-lhe entregue a ânsias e angústias por saber o que se desdobra logo mais na vida de cada personagem.

*Doze Contos de Sóis e Luas* é texto a ser degustado. Tem jeito de chá da tarde. Guarda aquela perspectiva de quem já viu e viveu muito. Permite-se brincar com as palavras e seus significados. Faz inversões frasais, prende por um suspiro a curiosidade do leitor, desfiando uma narrativa madura e cadenciada. Tem ritmo, tem fôlego e uma incrível unidade, qualidades estas que são fruto de empenho, dedicação do autor, mas sobretudo de um talento que brota de como se olha para a vida e seus encantos, aprendizados, lutas, armadilhas e dissabores, certo de que amanhã e depois e depois sempre haverá um novo dia, com seus encantos, aprendizados, lutas, armadilhas e dissabores.

Cléia Dröse, nesta obra, demonstra como a sensibilidade e o talento superam qualquer técnica. Quem diria que são contos produzidos a partir da jornada do herói? A estrutura

fica discreta, quase imperceptível, tamanha a atratividade dos personagens e suas narrativas.

Ao ler *Doze Contos de Sóis e Luas*, não tenha pressa. Não se trata de obra a ser devorada. Evite que o texto tome você de assalto, tire você da razão e do controle, deixando-lhe entregue a ânsias e angústias por saber o que se desdobra logo mais na vida de cada personagem. Mas, se por acaso, isso acontecer com você, será plenamente compreensível. Comigo aconteceu. Boa leitura!

Sandra Veroneze  
Editora



## Que o sol o ilumine

*Tudo vibra.  
Da corda ao infinito.  
Ressoam passos perdidos.*

O dia está amanhecendo. A primeira claridade do sol pinta levemente o céu do lado do nascente. Henry acaba de ordenhar as vacas. Ouve os porcos grunhindo por comida no chiqueiro. Precisa se apressar porque logo começará a época das chuvas e a colheita precisa estar protegida nos celeiros.

Enquanto toma o café da manhã, assiste na tevê ao noticiário local. O apresentador dá ênfase à manchete “vagas para empregos na capital do Estado”.

Por um momento, se imagina andando pelas ruas da capital, sente os pedestres passando a seu lado, ouve o barulho dos motores dos automóveis. É tudo o que almeja na vida. Mas... não sabe por onde começar.... Onde iria morar? Vive na mesma casa desde que nasceu, nunca teve que se preocupar com aluguel, ouve tanto falar em violência na cidade grande... Melhor ficar onde está, em segurança, sem maiores preocupações.



Na semana seguinte precisa ir até a cidade, pagar umas contas e comprar sementes para as pastagens de inverno. Enquanto espera na fila do banco, um senhor se aproxima e entabula conversação. Diz que vive na capital do estado, onde comercializa produtos típicos dessa região e que veio até este lugar porque pretendia levar um sobrinho para ajudá-lo, mas que na última hora o rapaz desistiu do projeto porque não quer se afastar da namorada. Está aborrecido porque realmente precisa de alguém de confiança e que conheça os produtos por ele comercializados.

Henry não acredita no que ouve. Alguém não quer ir pra capital para não se afastar da namorada? Ainda bem que ele não tem compromisso com ninguém, pode ir pra onde quiser. Só precisa convencer os pais. Então propõe ao senhor na fila do banco que lhe dê alguns dias para conversar com os pais, pois está disposto a fazer a experiência. Não vê a hora de entrar para essa nova vida, de gente civilizada. Irá para a capital dali a uma semana.

Ao chegar em casa, encontra os pais ocupados preparando a terra para o plantio das sementes que ele havia ido comprar. Só então percebe que durante o caminho de volta não pensara uma única vez no motivo que o havia levado à cidade, absorto nos devaneios da vida na capital. A mãe logo percebe que algo havia acontecido e ele resolve comunicar a decisão logo, pois sabe que, embora os pais não concordem, nunca pensariam em impedir que realizasse seus sonhos. As palavras saem de sua boca como animais atropelando-se na saída de um curral. Nem percebe a expressão de decepção no rosto dos pais.

As malas estão na porta de casa. Na verdade, não leva muita coisa, algumas roupas, um relógio despertador antigo, um álbum de fotos. Não consegue encarar os pais, se despede com um abraço apertado, mas não tem coragem de

ver os olhos marejados e a fisionomia tensa. Não olha pra trás, segue em frente com um aperto no peito.

O ônibus percorre a estrada que parece sem fim. O peito continua apertado. Na segunda parada, um senhor senta ao seu lado e puxa conversa. Conta que vai à capital a cada dois meses para visitar a filha e os netos. A conversa o ajuda a relaxar, já não sente o tempo se arrastando. E o senhor é bastante simpático, se oferece para ajudá-lo a encontrar a condução que o levará a seu destino.

Finalmente, o ônibus chega à rodoviária da capital. Henry sente o coração bater forte. Pega sua bagagem e segue o senhor que se dispôs a levá-lo até a parada da lotação. O movimento, a balbúrdia o deixam atordoado. Caminham pela multidão e, por fim, ao chegarem ao ponto, descobrem que os ônibus estão em greve e que, por isso, as vans estão sobrecarregadas. Não consegue ir na primeira, nem na segunda... Lá pela quarta ou quinta consegue se enfiar dentro da condução, apertado entre uma senhora gorda, cheia de sacolas, e um rapaz tatuado, exibindo músculos perfeitos. Espremido entre os dois, pensa em como fazer para descobrir o momento em que deve descer e caminhar até o endereço anotado numa folha de caderno.

Tenta se comunicar com o motorista para que pare no local que tem anotado, mas a barulheira é tanta que precisa gritar. Sente-se aliviado quando a van estaciona perto de uma frondosa árvore e o motorista desce, abre a porta e lhe diz que é ali que deve descer. Espremido como está entre os dois corpulentos companheiros de viagem, demora um pouco para se desvencilhar e conseguir pôr os pés na tão sonhada terra da capital.

Quando a lotação se afasta, ele respira fundo, olha para o céu. Os prédios não são muito altos nesta parte da cidade e lhe permitem ver um céu azul bordado de pequenas nuvens que passam rápidas sopradas pelo vento. “É um so-

nho”, pensa, enquanto as imagens passam pela sua cabeça como um filme antigo. Sua vida no campo parece algo tão distante, um passado remoto e não a realidade de vida até a tarde de ontem. Todo o esforço para chegar até aqui valeu a pena. Está na capital e logo conhecerá o lugar onde irá viver e trabalhar. Não vê a hora de encontrar com seu “patrão” e começar logo. Procura no bolso o papel com o endereço e vai andando pela rua.

Anda devagar, olhando para tudo, admirado, e procurando o nome da rua que já sabe de cor. Depois de duas quadras, encontra. Dobra a esquina e presta atenção no número das casas. Mais quatro quadras e logo identifica o estabelecimento comercial com letreiros nas paredes. Está cansado, depois de longas horas de viagem e de certa maneira se sente aliviado por estar finalmente chegando a seu destino. Porém, está de portas fechadas. Estranho, ainda é cedo, horário comercial, por que está fechado?

Demora-se um pouco parado na calçada, tentando organizar as ideias, mas não encontra uma explicação para o fato, quando uma senhora de idade se aproxima e lhe pergunta se é parente do fulano, dono do local. Fica meio atrapalhado, mas por fim consegue explicar que é seu novo funcionário, que veio para trabalhar ali. Ela se põe pensativa por uns momentos, como que a organizar as palavras e afinal lhe diz: “sinto muito, meu filho, mas isso já não será possível. Houve um assalto e o nosso amigo foi morto faz três dias”.

Henry sente o chão fugir de debaixo de seus pés. E agora? Não conhece ninguém, não conhece a cidade, não sabe para onde ir. A senhora já se foi, não lhe deu tempo de perguntar nada depois do atordoamento da notícia e agora ele só quer sair dali. Um assalto! Deus, onde vim me meter!

Atravessa a rua e anda até encontrar uma pracinha. Árvores! Essas são suas velhas conhecidas. Senta-se no chão, junto ao tronco de uma delas, e abraça os joelhos. Chora,

chora pelo amigo que viu pessoalmente uma única vez, chora por todas as árvores do mundo e chora por ele que está só num mundo violento e cruel. Ninguém o vê, ninguém percebe aquele rapaz franzino, encolhido no tronco da árvore, e assim ele permanece sem se dar conta de que a noite chegou e que os transeuntes agora são outros.

Desperta dolorido pelo desconforto da posição e talvez pelo medo suportado durante a noite. Mas está vivo, precisa reagir, pensa. Levanta-se, observa ao redor. Sua bagagem continua ali, intacta. Apesar de tudo que se fala sobre as cidades grandes, não foi agredido, nem roubado, sequer importunado. É, talvez o bicho não seja assim tão feio quanto o pintam. Enche-se de coragem e começa a andar, deixando para trás a praça (seu dormitório por essa terrível noite) e vai andando a esmo. Vai pensando que a essa hora os pais devem estar trabalhando na lavoura e que foi loucura tê-los deixado. Por certo, seus braços fazem falta para as tarefas mais pesadas.

Absorto nestes pensamentos, não percebe uma aglomeração de pessoas na calçada a sua frente, até que tropeça num senhor gordo. Pede desculpas, sem jeito sorri, não sabe bem como agir, mas percebe que as pessoas fazem fila diante de um prédio com um enorme anúncio de vagas de emprego. Como se tudo fosse muito natural, o senhor em que havia tropeçado lhe diz “atrás de mim, o final da fila é atrás de mim”. Ufa!!! É isso, um emprego! Bendito tropeção.

Logo aparece um funcionário distribuindo formulários para serem preenchidos por cada um. A empresa oferece alojamento e alimentação. Trabalho braçal, mas para quem veio do campo, das plantações, isso não assusta.

Os trâmites legais levaram três dias. Com a documentação em mãos, é admitido. Agora tem onde dormir e uma alimentação razoável. Estranha um pouco porque sempre

havia trabalhado em família, sem a mínima competição, um auxiliando o outro. Porém, agora precisa discernir com quem pode contar. As amizades começam a solidificar-se e logo já não é um homem solitário na multidão.

Trabalha durante toda a semana. Nos finais de semana aproveita para conhecer os lugares que só havia visto pela televisão. Gosta mesmo é das áreas verdes da cidade. Sente saudades do campo, mas sabe que fez uma escolha e se sente feliz. Às vezes vai ao cinema. Até o circo de Soleil esteve na cidade, mas o ingresso era muito caro e não pôde comprar. Mesmo assim foi até lá para dar uma olhadinha.

Está fazendo um curso profissionalizante à noite. Quer melhorar de emprego. Faz dois meses que ele e mais dois colegas de trabalho alugaram uma casinha num bairro e, ainda que precise pegar uma condução, está feliz por ter uma casa, poder colocar suas coisas no lugar, poder organizar melhor seu quarto, preparar alguma refeição no domingo. Mas sente falta de uma família, de saber que pode contar com aquela pessoa incondicionalmente. Sem isso, seu sonho de viver em uma grande cidade é como comida sem tempero, não tem sabor. Quem sabe deve formar uma família? A menina da padaria é bem bonita.

O encantamento pela cidade grande já não é o mesmo. De que adianta estar em meio à multidão se está só? Sente falta das conversas com a família ao redor da mesa na hora das refeições. Sente falta de ter um animalzinho de estimação, que lhe peça carinho no final do dia. Justamente quando está nestas divagações acontece um desastre. Um andaime despenca de uma altura de vinte metros. A menos de dez minutos era ele que estava lá, descera para falar com o chefe. Demorara-se um pouco, em meio a seus conflitos internos, quando já ia subir ouviu o estrondo. É a primeira vez que ele “vê” a morte tão de perto. O rosto pálido do companheiro

sendo retirado pelos bombeiros. Não foi somente um andaime que desandou, algo dentro dele também ruiu e não há como consertar. A vida é muito mais que trabalhar o dia inteiro, andar solitário entre a multidão, comer, dormir, respirar.... Precisa buscar uma solução, um lugar para este novo homem que está nascendo nele.

Os dias a partir desta tragédia passam lentamente para ele. Uma inquietação constante lhe mina as forças. À noite o sono demora pra chegar. E quando chega, os sonhos mesclam cenas da vida atual na cidade grande com acontecimentos da época que vivia no campo. A cada despertar sente mais forte a necessidade de rever seus conceitos, de reavaliar suas prioridades. Parece que o campo o chama desde o mais recôndito de seu ser.

Quando finalmente chega o final do mês e recebe o salário, já está decidido. Ele fez um esforço enorme e deixou o campo, mas o campo continuou dentro dele. Vai voltar. A cidade o ensinou importantes lições. Já aprendeu. Pode retornar de cabeça erguida. Vai produzir alimentos para essa gente que luta em cima de andaimes, pelas ruas congestionadas, nas fábricas, hospitais, escolas e grandes edifícios. Todos necessitam de alimentos, e é lá no campo que estes alimentos são produzidos. Estará contribuindo com uma parcela de suma importância.

Sorri. Depois de horas de viagem avista ao longe o arvoredo que rodeia sua casa. Sim, “sua” casa porque aquilo que é do pai também pertence ao filho. Assim foi por gerações em sua família e, se depender dele, continuará sendo. E que o sol o ilumine por muitos anos!